

A trama formativa de um professor de biologia

Rones de Deus Paranhos

*Professor do Instituto de Ciências Biológicas,
Dpto. Educação em Ciências - ICB-DEC/UFG*

A vida é uma trama e nesta, podemos encontrar o fio da formação profissional. Se este *fio profissional* for sólido e consistente, isso por sua vez, permitirá que outros fios venham a compor essa trama também de uma forma consistente. Posto isso, considero que a formação que obtive na Universidade Federal de Goiás – Campus Jataí, possibilitou-me, inclusive ser professor do Instituto de Ciências Biológicas – Universidade Federal de Goiás. Entre a formação inicial e o ingresso na universidade como docente, há uma trajetória formativa/profissional de oito anos e é sobre ela que irei contar um pouco para vocês.

Em 2001, iniciei dois cursos de graduação, um em Licenciatura em Ciências com habilitação em Física (Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás – CEFET – Jataí) e outro em Licenciatura em Ciências Biológicas (UFG – Campus Jataí). Depois de cerca de quatro meses fazendo os dois cursos, acabei optando pela biologia. Essa decisão não foi fácil, pois havia um vínculo afetivo muito grande com o CEFET, mas as equações da matemática, a física, cálculos, os limites e derivadas me fizeram perceber que ser professor de física, não era a “minha praia”.

A escolha pela biologia também se pautou na trajetória de vida que me colocou próximo às questões ambientais de nossa época. Durante muito tempo morei em uma fazenda próxima a Jataí e sempre tive muito contato com o bioma Cerrado, o que era muito natural para mim. Como morava na fazenda e estudava na cidade nesse período, no trajeto diário que fazia para estudar, pelas janelas do ônibus via que o Cerrado, aos poucos, ia perdendo espaço para uma vegetação um tanto uniforme, ou seja, para lavouras de milho, soja, sorgo entre outras. Isso já despertara em mim uma inquietação! Nesse sentido, avaliei que a biologia poderia me fornecer mais elementos para eu compreender minhas inquietações. Mesmo optando pela troca de curso, não fiz o mesmo com a profissão, pois o desejo por ser professor ainda residia em mim.

A partir desse desejo, comecei a investir nessa formação aproveitando as possibilidades que a UFG-Campus Jataí pudera me fornecer naquele momento. Enquanto alunos, estávamos inseridos em um ambiente acadêmico que não oferecia condições de infraestrutura satisfatórias para o desenvolvimento de aulas em suas diferentes modalidades. Lidávamos frequentemente com

diversas situações limites que também fizeram parte do nosso processo formativo. Hoje costumo dizer aos meus alunos aqui no ICB que as vezes é necessário positivarmos os problemas para o percebermos em uma outra perspectiva. Sendo assim, ao olhar para trás e analisar a minha formação, percebo que frente às situações limites estavam peças importantíssimas nesse processo, os PROFESSORES.

Esses professores se desdobravam para nos oferecer aulas de qualidade e, além disso, tinham que lutar por melhores condições de trabalho. A realidade da UFG – Campus Jataí nesse período era muito instável, pois dependíamos do estabelecimento de um convênio entre estado e prefeitura para o pagamento dos professores e toda vez que esse convênio necessitava ser renovado haviam atrasos e os docentes ainda tinha que lutar para receber seus salários. Não era pedido de aumento! Era pedido de salário! Confesso que essa situação, por mais triste que seja também deu suas contribuições para que eu pensasse sobre a minha futura atividade profissional.

Considero que frente a essas situações limites, recebi uma formação muito consistente, sobretudo ao que se refere aos aspectos do estatuto conceitual da biologia. Nossa matriz curricular estava organizada no regime anual e hoje, percebo que dispúnhamos de um tempo maior para refletir sobre os conceitos trabalhados. O terceiro ano (2003) do curso era considerado por nós o mais terrível, pois reunia a Fisiologia Vegetal e a Fisiologia Humana e Comparada. Como se trata de disciplinas que necessitam de conhecimentos prévios comecei a perceber as relações entre os conhecimento da própria biologia e com o auxílio dos professores Jerônimo (in memoriam) e Sandra Benite, passei a perceber também o próprio sentido da biologia. E as motivações para ensinar esta ciência na escola vinha da professora Elci Ferreira Mendes Piochon.

Nesse mesmo período, comecei a trabalhar como professor de biologia (contrato temporário) na Educação de Jovens e Adultos e essa experiência me possibilitou perceber a dimensão do desafio de ensinar. Um dia em uma aula de biologia para o primeiro ano do ensino médio (EJA) ao explicar o processo de fosforilação oxidativa na síntese de ATP, uma senhora me questionou: *“Professor, onde encontro células no meu corpo?”* Nesse momento, eu me percebi no grande vão que separa o proposto do real e a pergunta dessa educando ainda me inquieta até hoje. Ela também foi a responsável pelas escolhas profissionais na pós-graduação.

Além disso, que esse termo (fosforilação oxidativa) não estava “grávido de mundo” e que corroborava com um discurso academicista de ciência que só servia para aumentar a distância

entre educador e educando. Essa experiência ainda me sinalizou que ensinar Biologia aos educandos da EJA requeria estar atento às especificidades dessa modalidade de educação. Mas a minha formação foi lacunar e não se atentou em discutir o processo de ensino e aprendizagem dos jovens e adultos.

Ao terminar a graduação (2004), ingressei em uma escola da Educação Básica como professor de ciências e biologia (Ensino Fundamental e Médio). Esse episódio, a meu ver foi muito formativo, pois logo percebi que “ser professor” é lidar constantemente com desafios. Desafios que se entrelaçam e constituem uma trama complexa de interações e retroações que são postos frente à prática docente. Nesse período, comecei a desconfiar que saber Biologia apenas, não era o suficiente para desenvolver minhas atividades na escola. Mas o modelo de aulas, de escola e a formação recebida na universidade ainda permaneciam bem fortes em mim e não me restava outra coisa naquele momento a não ser reproduzir! Parece haver uma lógica, que é cíclica, presente na relação entre Escola e Universidade, pois a escola forma os alunos para universidade que existe e esta forma professores para a escola que está posta e, dentro disso, o que impera é a lógica da reprodução de modelos.

Em meados de 2005, pude me inscrever em um concurso para professor substituto na UFG – CAJ, no qual, fui aprovado. A princípio, fui contratado para trabalhar com a disciplina de Anatomia Humana e Comparativa, mas em função da realidade da instituição, tive a oportunidade de trabalhar também com outras disciplinas na graduação, dentre as quais, destaco a Didática e Prática de Ensino de Biologia e Metodologia do Ensino de Biologia no Ensino Médio.

Ser professor na Educação Básica concomitantemente com a Educação Superior, me fez ver mais ao longe os caminhos que eu deveria trilhar na minha carreira profissional e isso despertou o desejo de me especializar na área de Educação. Como professor de estágio, deparei-me com a Educação de Jovens e Adultos mais uma vez, mas agora com um olhar diferente, o de um professor que leva os alunos para realizar seus estágios nessa modalidade de educação.

Os “fios” do Mestrado em Educação em Ciências e Matemática

Em 2007 foi criado o Programa de Mestrado em Educação em Ciências e Matemática na UFG (Campus sede) do qual pude participar do processo seletivo para a primeira turma. Uma vez

aprovado, o mestrado trouxe consigo outros desafios formativos. Um deles se referiu ao fato de ter que conciliar trabalho e estudo e por quatro meses fiz o percurso Jataí – Goiânia – Jataí, pois continuei com as aulas na UFG – CAJ até o final do primeiro semestre do ano supracitado.

Outros desafios estiveram relacionados aos aspectos conceituais, teóricos e metodológicos discutidos nas aulas. Pela primeira vez ouvi o termo *Epistemologia da Ciência* e passei a refletir sobre a atividade científica e a produção do conhecimento, com vistas a uma consciência mais crítica sobre este processo. Tive ainda a oportunidade de (re)pensar a formação de professores de ciências à partir de discussões epistemológicas e, além disso, enfrentei o “caminho das pedras” para o desenvolvimento da pesquisa e a escrita da dissertação de mestrado.

A pesquisa realizada objetivou compreender e discutir a relação entre a Educação de Jovens e Adultos e a Educação Ambiental considerando as políticas públicas e a prática de professores do Ensino Fundamental em uma escola da rede municipal de educação da cidade de Goiânia. Pela natureza da pesquisa e recorte de discussão, tive que me inserir no cotidiano da escola da Educação de Jovens e Adultos e, com isso, aos poucos fui realizando aproximações entre os referenciais teóricos de EJA com o “chão da escola” dessa modalidade. As especificidades, tão discutidas nos textos, foram, a cada dia, testemunhadas pelos diferentes sujeitos da Educação de Jovens e Adultos.

No segundo semestre de 2008 o Instituto de Ciências Biológicas (ICB-UFG) divulgou um edital de seleção para contratar professor substituto para as disciplinas de Estágio Supervisionado, Ensino de Ciências e Biologia. Essa oportunidade foi muito motivadora, pois vislumbrei a possibilidade de retornar a exercer a profissão docente trabalhando com disciplinas da minha área de formação (mestrado), embora eu não o tivesse concluído ainda. Após a aprovação comecei a desenvolver minhas atividades no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do período noturno.

Tal experiência proporcionou-me perceber o quanto é interessante como os alunos estagiários veem, em nós professores de estágio, algo a ser seguido. Me sentia muito inseguro em relação a isso, pois nessa lógica, parece que precisamos nos valer da prática para sinalizar os caminhos a “serem seguidos” por aqueles futuros professores. Frente a isso, minha maior inquietação era que eu propunha discutir o ensino de ciências/Biologia sem ter tido muitas vivências com ele no “chão da escola” da Educação Básica. Além disso, estava inserido em uma unidade em

que a construção da identidade docente não era um dos primeiros pontos de pauta do coletivo, mesmo que esta unidade oferecesse a licenciatura em dois turnos (diurno e noturno) e que possuísse uma entrada de cerca de setenta alunos por ano.

Nesse período, ao adentrar as escolas para a realização dos estágios, os estagiários, contaminados pelos discursos fatalistas me emparedavam e diziam: “*Professor, na prática a teoria é outra*”. Isso gerava em mim uma impotência muito grande e por vezes, até me silenciou. Hoje avalio que o silêncio advinha, em partes, da minha imaturidade acadêmica que perpassavam principalmente os aspectos teóricos-metodológicos. Atualmente, frente a esse mesmo discurso fatalista, recordo dos dizeres de uma colega de trabalho e pesquisadora da área de *Educação Química* que diz: “*Na verdade não há nada mais prático do que uma boa teoria*”.

No início do ano de 2009, reta final do mestrado, a Universidade Federal de Goiás abriu o edital de concurso público para o provimento de cargo de Professor da Carreira de Magistério Superior, regime de dedicação exclusiva 40h, área de Educação em Ciências. Como esse edital já havia sido aberto para a contratação de doutores e não houve nenhum inscrito, o edital foi reaberto para a contratação de professores mestres. Embora ainda não tivesse defendido a dissertação, eu estava diante de uma oportunidade para o ingresso no magistério superior.

Estudos para o concurso, finalização do texto da dissertação e aulas na graduação se misturaram nesse período. A semana de realização das atividades do concurso antecedeu a semana de defesa da dissertação de mestrado. O concurso foi um processo extenso e desgastante em que comparecerão nove candidatos, dentre eles, amigos do próprio mestrado.

Ao final do processo, fui aprovado em primeiro lugar e isso, considerando os aspectos profissionais, me deixou muito tranquilo. Mas ainda restava a defesa da dissertação que aconteceu exatamente uma semana depois da divulgação do resultado do concurso. Com a defesa da dissertação, aprendi que muito das críticas realizadas ao autor do trabalho são para refletir no orientador. Mas a falta de humildade, nesse processo nem sempre permite a escuta. Esse episódio me faz lembrar os dizeres de Paulo Freire¹ que afirma que o orientador “não pode, no dia do exame, depois de ter sido intelectualmente solidário com o orientando durante o processo de

¹ FREIRE, Paulo. O papel do orientador de trabalhos acadêmicos numa perspectiva democrática. In: _____. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. 2 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

orientação, por não importa qual a razão surpreender o orientando com um discurso adverso à sua tese” (p. 217).

No dia 31 de julho de 2009 tomei posse no cargo de Professor da Universidade Federal de Goiás – Instituto de Ciências Biológicas / Departamento de Biologia Geral. Na trajetória acadêmica novas possibilidades começaram a surgir...

Ser professor formador de professores – uma trama de desa(fios)

Os primeiros meses após a posse serviram para eu conhecer um pouco mais os bastidores do mundo acadêmico. Comecei a perceber que o fazer docente não se restringia apenas ao ensino, pesquisa e extensão, pois muitos professores acabam por se envolver com atividades administrativas na própria unidade acadêmica.

Percebi também que a organização da qual o ICB lança mão, ou seja, a estrutura departamental, não favorecia a relação entre as partes que constitui esse todo. Ao contrário, só corroborava com disputas políticas internas que não consideravam um “bem” institucional comum a todos os sujeitos da unidade (técnico-administrativos, alunos e docentes). Além disso, percebi ainda que a inserção da Licenciatura em Ciências Biológicas no ICB era frágil e práticas que corroboravam com a dicotomia Licenciatura-Bacharelado estavam bem consolidadas. Num cenário institucional que possui cento e vinte e três professores, seis departamentos, quatro cursos de graduação, quatro cursos de pós-graduação (mestrado e doutorado), inicialmente, eu compunha com mais duas professoras a Área de Educação no Departamento de Biologia Geral.

Ainda em 2009, após a minha contratação, avalei que deveria dar continuidade à pesquisa desenvolvida no mestrado, ou seja, discutir a relação entre a EJA e EA. Desta forma, comecei a rascunhar uma proposta de pesquisa em que se pudesse ouvir os sujeitos educandos da EJA para compreender a relação que estes estabeleciam com o meio ambiente. Disso surgiu o projeto “**A história de vida dos Educandos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e suas contribuições para o desenvolvimento de atividades de Educação Ambiental (EA) no contexto da EJA²**”, submetido ao Edital PROLICEN/2010 com aprovação. Isso acabou por explicitar mais um desafio para minha atividade profissional, o de orientar alunos de iniciação científica.

² Artigo: BARBOSA, R. S.; SANTOS, S. M.; VERGARA, L. C.; MOURA, G. A.; [GUIMARAES, S. S. M.](#); PARANHOS, R. D. . Linha do tempo ambiental: possibilidades e limites de desenvolver a Educação Ambiental na Educação de Jovens e Adultos. **Revista da SBEnBIO**, v. 5, p. 1-10, 2012.

Em 2010, após a contratação de mais uma professora³ para a Área de Educação, a proposta de criação do Laboratório de Estágio foi reorganizada para que o espaço também pudesse desenvolver atividades das disciplinas de Ensino de Ciências no Ensino Fundamental e Ensino de Biologia no Ensino Médio. Com isso, consolida-se o Laboratório de Estágio Supervisionado e Ensino de Ciências (LESEC – www.icb.ufg.br/lesec) e desde então, os alunos da licenciatura vem criando uma identificação com este espaço em que é discutida a formação de professores de ciências/biologia e o seu fazer na Educação Básica.

Com a criação física e conceitual desse espaço, para além das atividades de ensino, o LESEC também passou a ser o *locus* de discussão das atividades de pesquisa desenvolvidas junto aos projetos aprovados nos editais PROLICEN, PIBIC e PIVIC. A partir disso, juntamente com a Profa. Simone Sendin, vislumbrei a possibilidade de organizar um grupo de estudo e pesquisa que congregasse todas as atividades relacionadas às pesquisas sobre formação de professores no âmbito do LESEC. Assim surgiu o grupo de Pesquisa “**Colligat – (re)pensando a formação de professores de ciências e biologia**”⁴, cadastrado no diretório do CNPQ, em que sou um dos líderes.

Considerando a linha de pesquisa “Educação em Ciências e Biologia na EJA” do grupo *Colligat*, o capítulo⁵ de livro que organizei para discutir a formação do professor de biologia para a EJA, a escrita de um trabalho que analisou a formação de professores de biologia para a EJA no ICB⁶ e a minha própria trajetória com essa modalidade da educação

Em 2012, submeti ao Edital PROLICEN/2012 um projeto de pesquisa. O projeto intitulado “**Educação de Jovens e Adultos na formação inicial do professor de ciências/biologia – é possível “pensar o impensado?”**” objetivava discutir a EJA na licenciatura em biologia através de uma proposta que repensasse a construção do conhecimento a partir dos pressupostos da *complexidade* e da *tematização*. Parte da metodologia desse projeto previa o oferecimento de uma

³ Profa. Dra. Simone Sendin Moreira Guimarães

⁴ O grupo possui quatro linhas de pesquisa a saber: a) Educação e Complexidade; b) Educação em Ciências e Biologia na Educação de Jovens e Adultos; c) Ensino e Aprendizagem em Ciências e Biologia na Educação Básica; d) Formação de Professores de Ciências e Biologia. A página do grupo de pesquisa pode ser acessada através do seguinte endereço eletrônico: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0106708X9JQZBL>

⁵ PARANHOS, R. D. ; FIRMINO, S. G. . Professor, onde eu encontro células no meu corpo? - as necessidades formativas do professor de biologia para atuar na EJA. In: Simone Sendin Moreira Guimarães; Rones de Deus Paranhos; Karolina Martins Almeida e Silva. (Org.). **Formação de Professores de Biologia - os desafios da trama**. 1ed.São Carlos - SP: Pedro & João Editores, 2013, v. 1, p. 87-105.

⁶ SANTOS, S. M.; MOURA, G. A.; GUIMARAES, S. S. M.; PARANHOS, R. D. . Silenciamentos revelados: a formação do professor de biologia para atuar na Educação de Jovens e Adultos. In: LEITE, Yoshie Ussami Ferrari; MARIN, Alda Junqueira; PIMENTA, Selma Garrido; GOMES, Marineide de Oliveira; REALI, Aline Maria de Medeiros Rodrigues. (Org.). **Políticas de formação inicial e continuada de professores**. 1ed.Araquara - SP: Junqueira & Marin Editores, 2012, v. 2, p. 7180-7192.

disciplina de Núcleo Livre em que seria tematizado as necessidades formativas dos professores de biologia para atuar na EJA. Porém, ao propor a disciplina ao conselho diretor do ICB, este motivado por questões políticas, não aprovou o seu oferecimento.

Essa situação limite, a de como os pares (outros professores/pesquisadores) não compreendem a natureza da pesquisa em educação, me fez pensar em outras possibilidades para dar continuidade à pesquisa. Juntamente com a aluna bolsista, avalei que deveríamos construir um cenário da formação de professores de biologia no estado de Goiás, considerando as instituições públicas de ensino superior. Isso possibilitou levantar um conjunto de dados que depois de analisados resultou na escrita e apresentação de um trabalho no V Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino, intitulado ***“As licenciaturas em Ciências Biológicas no estado de Goiás – “silêncios” que perpassam o perfil profissional do professor para a Educação de Jovens e Adultos”***.

O meu envolvimento com a Educação de Jovens e Adultos iniciou-se com a minha prática docente, depois passou a ter um viés acadêmico e hoje ele é político, pois acredito nas possibilidades de intervenção no mundo com vistas à mudanças na realidade educacional, sobretudo ao que se refere à modalidade de educação de adultos. Por isso me insiro nos movimentos dos Fóruns de EJA no país. Atualmente sou membro do Fórum Goiano⁷ e Metropolitano de EJA e com isso, pude participar dos XII e XIII Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos, realizados em 2011 e 2013 respectivamente, representando o segmento universidade nas discussões dos grupos de trabalhos. Entendo que eu, enquanto professor, necessito desenvolver um trabalho que concilie a sala de aula e os movimentos sociais fora dela para que eu não caia armadilhas do academicismo esvaziado (FREIRE e SHOR, 2011)⁸.

De que Biologia falamos quanto ousamos ensiná-la?

No início do primeiro semestre de 2013, na disciplina de Ensino de Biologia no Ensino Médio, longe de qualquer posicionamento bem consolidado, aventurei-me a questionar os futuros professores de Biologia: **O que é a vida?** Obtive muitas respostas que advinham de um lugar bem marcado, a **Biologia**. Lugar que já não gera tanto conforto em mim, pois já consigo perceber os seus limites em nos fornecer elementos para responder e/ou delinear o seu próprio objeto indefinido

⁷ A página do Fórum Goiano de EJA pode ser acessado através do endereço eletrônico: <http://forumeja.org.br/go/>

⁸ FREIRE, P. e SHOR, I. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. 13 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

de estudo, **a vida**. A propósito, a Biologia possui como objeto de estudo a vida ou os seres vivos? Somos seres vivos ou seres manifestadores da vida? A vida está em e para além de nós.

Na Biologia, há teorias que buscam explicar as origens da vida, e estas se fundamentam basicamente nas relações entre diferentes elementos que possibilitaram a organização dos seres vivos que temos hoje. Contudo, justamente por ser uma relação, até que ponto podemos lançar mão de uma lógica tão causal e linear para explicar esse surgimento? Se estamos lidando com a possibilidade dela ter surgido a partir de inúmeras relações e combinações, então, compreender que ela é mais do que a soma das partes, parece fazer mais sentido.

Sua existencialidade precede a nossa e fala-se que ela tenha surgido há 3,5 bilhões de anos. A trajetória do animal humano é um pouco mais recente e remonta cerca de 200 mil anos. Independente disso, as manifestações da vida se dão numa diversidade de formas que as reúne na categoria “**seres vivos**”. Esta categoria pode ser comparada a uma trama em que, os fios são os diferentes seres vivos, entrelaçados pelo “**fio vida**”.

Digo trama, pois as formas manifestadoras de vida possuem uma carga de diferentes trajetórias evolutivas e que ao mesmo tempo, ainda, possibilitam o estabelecimento de relações entre elas. Sob a ótica da teoria da evolução, podemos construir essas trajetórias, mas tendo como ponto de partida o hoje voltando os nossos olhares para o ontem. Considero, salvo os limites da minha compreensão, que não possuímos recursos para precisarmos os rumos das trajetórias evolutivas para o amanhã. Simplesmente porque estamos inseridos em um mundo de mudanças e assim sendo, a vida é sinônimo de volatilidade (SALZANO, 2008).

Esse foi o tema discutido em nossos primeiros encontros em que abordamos o ensino de Biologia. Talvez ele tenha se distanciado das expectativas dos futuros professores de Biologia, pois nessas aulas, em experiências pregressas, sempre fui muito interpelado sobre as “**formas**” e o “**como**” ensinar Biologia na escola. Atualmente, quando isso me ocorre, digo com muita tranquilidade: “*Eu não sei como, mas podemos pensar sobre!*”. Estou inclinado em compreender de que esse “*pensar sobre*” implica necessariamente em se pensar sobre a Biologia em sua radicalidade.

Somos professores! E alguns estão imersos no processo e na proposta de se tornarem professores de Biologia, enquanto outros não se percebem tão imersos assim. Resguardado isso,

ensinar Biologia, independente das intencionalidades formativas dos sujeitos, requer compreendermos a lógica da construção do pensamento biológico com vistas também a compreender a natureza do conhecimento biológico em sua essência. Frente ao exposto, a busca por essas compreensões nos colocará de frente à muitas situações limites, dentre eles, os discursos fatalistas de mudar e pensar diferente não é possível. Discursos estes, advindos da velha arquitetura da pedagogia da transferência. Para minar as bases dessa lógica, estou a cada dia mais convencido de que “na universidade as vezes é necessário deformar para formar”, como sabiamente um dia afirmou uma aluna de estágio em um de seus textos.

Hoje, ao findar essa etapa formativa, olho para o que nos passou e vejo que juntos pudemos construir uma trajetória que possibilitou pensarmos sobre a natureza do conhecimento biológico. O exercício do pensar foi motivado por questões como: **i)** O que faz da Biologia uma ciência diferente da química e da física? **ii)** Como se deu a construção da Biologia enquanto uma área do conhecimento? **iii)** Que visões de mundo a Biologia e os seus pensadores explicitam? **iv)** Que temas sócio-científicos advêm da Biologia? **v)** Que relação essa ciência estabelece com o estado e quais são os frutos dessa relação? **vi)** Na escola, quando ensinada, a Biologia está a favor de quem? Contra quem? A favor do que? Contra o que?

Frente a estas questões, não me é possível afirmar que conseguimos construir respostas, contudo, a busca se configurou como uma atividade interessante e importante presente na formação inicial dos professores de Biologia em questão. Nesse processo de busca, nos apoiamos nas ideias de Nascimento Jr (2011) para “pensarmos o impensado” para o ensino de Biologia. Desta forma, a botânica, zoologia, citologia, genética e ecologia foram (re)pensadas à luz dos estatutos do conhecimento biológico (**Ontológico, Epistemológico, Histórico-Social e Conceitual**).

Este referencial nos mostrou que a vertente da **história e filosofia da Biologia** pode nos fornecer elementos que nos possibilita questionarmos e pensarmos em reais intervenções nas formas que estão postas para o ensino desta ciência na Educação Básica e isso, por sua vez, se materializou nas estratégias de ensino apresentadas durante a disciplina. Talvez essas estratégias também possibilitaram ampliar as compreensões sobre o objeto de estudo da Biologia e a nos afastar da afirmação que diz “**a Biologia é a ciência que estuda a vida**”, mas o que é vida mesmo?

A inserção do Doutorado em Educação nessa trajetória formativa

Após o término do mestrado, os quatro anos que fiquei me dedicando ao ensino e a pesquisa proporcionaram momentos de inquietações, satisfações e reflexões sobre a minha prática docente ao formar outros professores de Biologia. Esse tempo ainda proporcionou um amadurecimento acadêmico e, além disso, pôde sinalizar os caminhos a seguir nessa nova etapa formativa (doutorado).

Atualmente sou aluno do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (Doutorado), na linha de pesquisa Educação em Ciências. Embora eu pudesse me submeter à seleção do doutorado em Educação da UFG, não o fiz, pois queria obter outras experiências formativas em outra instituição. Acredito que isso também seja um elemento formativo importante. Os interesses em fazer o doutorado, além das questões do aprimoramento propriamente, também se vinculam às possibilidades de mudança em relação à minha inserção profissional na UFG, pois se ampliarão. Poderei submeter projetos ao PIBIC, PIVIC e ainda pedir credenciamento em Programa de Pós-Graduação (Educação em Ciências e Matemática e Educação – FE/UFG). Os “retalhos” da minha realidade acadêmica e profissional apresentados, indicam a minha inclinação em realizar uma discussão epistemológica acerca do conhecimento biológico e sua inserção no ensino deste nos cursos de formação de professores de Biologia.